

Veleiros da Essência

(Rubenio Marcelo)

vêm de horizontes nunca vistos
e trazem à proa
o mapa das messes inabituais
num tempo infinito
de invictas bandeiras e constelações...
trazem o lábio astral e o astrolábio
das meditações azuis
que tecem sublimes maréações...
têm adriças de sol e cordoalhas de mitos
que atesam a fruição
de transcendentis singraduras...

chegam altivos e sem defensas
traçando itinerários
coesos
afinados com insólitas conhecenças...
transportam sagas ancestrais
e trazem nas gáveas
núncios de auroras ressurgentes...

com místicos galhardetes
mirando os destinos cor de nuvens
afagam elísios
que sibilam prelúdios e vilancetes
e sabem dos seus timoneiros
trajados de brim
em brancas manhãs...

planam em silêncio na crista do verbo
|atentos ao mínimo aceno|
ao barlavento da criação
entre códigos, gaivotas e plenilúnios...
singram íntimas dádivas
para ampliar as escotilhas do sonho
e plenificar faróis nos
e s t a i s
da vaguidade...

vêm do estro
para nos desancorar das ilhas perdidas
vêm para fecundar correntes
no estio das vigílias
e para nos (e)levar
à paz das alvíssimas florações
dos portos longínquos...

Sal da existência

I.
no latente diário de bordo
da estação das verdes aragens
desadormecem
revelações e sagas desveladas...
sangram clepsidras
e flutuam pontiagudos espasmos...
[antigas inquietudes avivam
o ventre nu da memória].

II.
há ilusões, tesouros e querubins
nas rotas dos albatrozes
perdidos
há sortilégios e salmos esquecidos
em tardes carmins...
há pendões de segredos brotando
das lanças fincadas no tempo
demarcando ilhas
arenas e praças ressurgentes...

III.
inexiste a justificativa
do eco azul que excita o penhasco...
é inútil o penhor
do asco que foi volúpia
sem cópia pelos divãs...
não há nenhuma razão no empenho
e nas reprocuras
que perecem no tombadilho sombrio das maresias...
não há rimas e romãs
nem travessias.

IV.
infundas esperas | em fendas | em eras |
já não reaprendem o que era
o cio das íntimas expectativas
nas quilhas dos dias...
entre o cenho do devenir e a lividez do silêncio
um terçado espreita as horas...
|faz-se estio o entressonho|

V.

no aguardo da caravana do crepúsculo
a certeza medonha
de anúncios e desolação.
em cristais transfigurados
vem a brisa que edifica a lágrima
vêm os dardos que demarcam
o sol da resistência
o sal da existência.

® Rubenio Marcelo

O desguardador de dores

I.

em suas retinas
as imagens imóveis não codificam
as ânsias que lhe habitam...
e não pela vez primeira
um sorriso urgente molda-lhe o semblante
adolescendo as esperas
e contemplando o segredo das auroras...

II.

quais mármore espedaçados
suas palavras pedem o gume do vazio
pois os organogramas das manhãs
já diluíram o faro das suas reminiscências...
e mais uma vez os sabiás de voos dourados
que lhe gorjeiam e apontam o sol
desateam o óbito do devenir

III.

sem surpresas
cortando o pulso das horas
lateja em sua fronte
a mesquinhez acrobática do cotidiano...
e novamente amadurece em seu olhar
o néctar que reinventa os jardins
que colorem os colibris do sonho

IV.

a flor negra na lapela do tempo
espreita os seus passos matinais
enquanto os arranha-céus da solidão
ocultam o sorriso dos flamboyants...
e salvaguardando-se com silêncios
ele grita a liberdade

sempre
assim...

V.
e assim ele segue
sempre
e
sempre
aguardando andores
desguardando dores...

® Rubenio Marcelo

Contemplador de silêncios

I.
branco de sonhos
ele não brinca de senhas
e enovelando os flocos da solidão
busca a meada e o fio
das nômadez coerências da silencitude

II.
ausências retesadas não leem suas linhas
nem alinham suas mãos
que driblam o casulo dos desejos...
qual voo desfeito na falésia
é a sensação do agora
– há presságios lógicos refletidos no vazio
das ruas minguentes que lhe acenam...

III.
acolhendo o lapso que apazigua a dor
ele recobra o estatuto da aurora
e clareia-se em passos de cirandar...
comete dádiva dourada
e a tácita taciturnidade da surpresa
que instiga a desinquietação
pelos postigos da essência...

IV.
e tirando os véus do seu mergulho
ele renega as setas do delírio e da angústia
retornando ao imponderável instante
fincado no desvelo inconsciente
– seus pilares neurônicos latejam
sem excessos e sem punhais...

V.

ante a libido esfarelada da emoção
e a pulsão das estranhezas reveladas
ele queima a carta de despedida
vai ao espelho
recolhe a lágrima banal e insana
reprime o transgressivo grito
desmelancoliza-se
reordena o seu vir-a-ser
e renova-se em estado de silêncio...

® Rubenio Marcelo

Gaivotas

Na barca veleira
dos meus sentimentos
gaivotas pousam cansadas,
como a procurar as luzes efêmeras
das pálpebras do tempo...
Em revoadas, tecem auroras
no vértice das chegadas e partidas
que me eternizam lembranças...

Estas gaivotas
me ardem palavras matinais
e, à noite, confundem-se
com as estrelas irrequietas
do meu espaço mental...

Deixam-me insone
para vigiar as minhas intenções
e o sarcástico segredo
do fogo dos desejos
ante as dádivas das direções anunciadas
pelos anjos sem trombetas...

Estas gaivotas
emprestam-me suas asas
para que eu sinta
|por entre as sombras das realidades caolhas|
a leveza de um novo olhar
no claro-azul das mutações circundantes...

Estas gaivotas
reinventam rotas nas minhas retinas...
Adornam a minha solitude:

entendem as certezas dos meus desalentos
e equilibram o voo
das minhas incertezas...

® **Rubenio Marcelo**

SOLITUDE

Hoje eu quero soltar meus cães-pastores
Pelas ruas desertas do meu ser...
Deixar minha cerviz espairecer,
Vivendo a solidão dos desertores.

Eu preciso sondar os corredores
Que me levam – às vezes, sem querer –
Às sombrias visões de um quefazer
Recostado na frente dos andores...

Hoje eu quero somente a calma
Do florete que adorna a penedia
Que comprime o vão do meu pelourinho.

Nesta noite eu só quero os braços meus
Procurando o meu vulto. E peço a Deus
Pra que me deixe assim: um ser sozinho!

® **Rubenio Marcelo**

CELEBRAÇÕES * **[ao teu Dia, Manoel]**

Aos resolutos voos de um impulso azul,
os segredos dos horizontes
buscam as escadarias tatuadas
pelas vibrações da essência...
Um pendão de silêncio
perfumador de visões
desenvelhece o final da tarde...

Indiferentes
ao teorema rudimentar do tempo,
caramujos e rãs
velam os recipientes das nuvens,
regam as estrelas com a seiva das avencas
e reinventam dádivas indormidas
ante o estado de infinito
dos enigmas espelhados
no colo da noite...

Das varandas da madrugada
a lua desconhece
edifícios e vitrais
e
aos poucos
dá lugar aos lírios...

Em seus destinos e acenos,
pássaros, pedras,
árvores, ventos,
bichos e águas
celebram liberdade
com borboletas
que rendilham o alvorecer
e restauram trilhas humanas...

Do chão festivo
brota uma harpa em timbre de poesia,
reinaugurando o enlevo
e anunciando
o dia...

– Teu dia, poeta!

® Rubenio Marcelo

**Ao poeta Manoel de Barros no seu aniversário.
(19/12/2013)*

E s p E l h o

ah
este espelho reflete-me em cada traço
cada gesto
cada cor

na sala, no quarto, no banheiro...
ei-lo sisudo

a
mostrar-me
o semblante

de cada dor.

há
uma dor que me reflete em cada espelho
cada sestro
sem compasso

na sanha da refrega, trafega
sobre tudo
a
prostrar-me
invigilante

em cada passo.

® **Rubenio Marcelo**

porto e navio

eu trago em mim um rio
e assim sorrio,
lembrando que sou rio
e mar também...

somar meu rio ao mar
é bom, faz bem
e marca a dimensão
de um sonho a fio...

em mim há sempre um porto
[um desafio,
que é rio e mar] que ri

de mim, pois tem
as minhas restrições
e, assim, também
sou navegante ousado
e sou navio...

® **Rubenio Marcelo**

CORUMBÁ

I.

alçar voo com a natureza,
aos olhos ardentes da branca estação,
embarcar na primazia
e singrar o rio Paraguai...
velejar a floração da paz
refletida nas messes
das águas e céus azuis
em harmônica meditação
com aves e camalotes...

II.

passar... conjugando sagas
entre paisagens e alamedas...
reviver símbolos vitais
em lúcidas evocações,
contemplar templos e monumentos...
aquecer-se...
fecundando os graais da essência.

III.

ao lume de invictos fanais,
desvendar arcanos horizontes
e percorrer as sendas
que abraçam o semblante do porto...
definir os segredos
de inesquecíveis imagens
e imaginar quanta história
está resguardada naqueles casarios...

IV.

nas telas naturais da beleza,
reinventar o enlevo,
flertar com os madrigais

que apascentam o sonho...
ser assim encanto e acalanto,
qual fauna e flora
do Pantanal...
ser luz e transcendência,
como o verso de Lobivar
e o traço de Jorapimo.
viver... viajar...
ser feliz
em Corumbá!

® Rubenio Marcelo

Velho relógio de parede

Ah, este velho relógio de parede
irritando as horas, imitando enoras
no convés do mundo,
tentando pôr os 'ires e vires' no ponto.
Minutos e segundos
que consomem nossos ouvidos,
enquanto as vidraças
sorriem dos supersônicos...

Ah, este relógio antigo...
Nele, o tempo desconhece
a velha engrenagem humana
na parede pregada
e sem ponto de fuga;
nele, as luvas das jornadas
renegam a impontualidade
do cantar dos galos...

E, a intervalos
nem tanto regulares,
há sempre algo a nos dizer
que o tempo não se assusta
diante do espelho,
nem sente falta de um divã na sala de estar,
tampouco se impressiona
ante as acrobacias de um raio de luz.

Em ponto de cruz,
o tempo borda imagens,
à frente das carruagens
cerzidas com norte incerto,
perdidas num longo deserto...

Com tato, a noite traz o ponto de contato
aos bichos e paisagens,
aos seres e edifícios,
aos desenleios e desejos.

A penumbra é o ponto alto: acomoda as cores da vida...
Nas avenidas, velhos semáforos medem o caos;
no mar, os rastros do plenilúnio
dão o ponto de equilíbrio
do sentimento cadenciado pelo mesmo vento
que proporciona o fecundo voo de polens
e o susto breve da donzela na escadaria...

E, na parede fria,
o enfadonho relógio a refletir o tédio
e a repetir
a mesmíssima
toada,
qual uma ciranda de ganidos
que demarcam um ponto.

Isto é ponto de honra
e nunca se abala.
Relógio de ponto
em ponto de bala.

Relógio sem pulso
a pulso na sala;
qual ponto-limite
ou ponte de sal...

Um tanto torto,
em ponto morto,
sem ponto
a/final.

® Rubenio Marcelo

Na ponte pênsil do inconsciente

Frenéticas ideias,
decifrando nuvens no azul do instante,
desenham com ênfase e êxtase
o sentido das múltiplas sombras
nas águas tristes do camaleônico rio
e vasculham
as entranhas
de estranhas sensações...

enquanto o oceano mastiga o sal
inato de suas aventuras,
um grito intraduzível
 demarca
o palco da fúria dos ventos
e o reflexo dourado dos girassóis
em capítulos
instintivos
de fecundação...

olhares tingidos
 num misto de fogo
 e solidão
perdem-se nos labirintos
das paisagens
entre/laçadas e consumidas
nos parapeitos das horas...

os fragmentos dos sóis coloquiais
descem a impura ladeira
nas correntezas do tempo
em ímpeto
levando verdes ramos de sonhos
para o lugar-comum
das ilusões...

® **Rubenio Marcelo**

PARCELA

1.
no azul do poema
a luz da canção
agora um clarão
antes tão pequena
não mais quarentena
que se encastela
agora eu e ela
no leme do dia
rumo à escadaria
cantando parcela...

2.
assim, infinito
nessa plenitude
meus pés, amiúde,

procuram o grito
perpassam o mito
ardente aquarela
aurora e estrela
que já predestinam
sazões que sublimam
à luz da parcela...

3.
oh tempo-verdade
gravando o eterno
já não mais hiberno
a outra metade
oh fertilidade
que tudo revela
com justa cautela
quero ressurgir
para refletir
cantando parcela...

4.
no bico do corvo
deixei o meu múnus
e os importunos
punhais do estorvo
agora não sorvo
profana querela
há porta, há cancela
colunas, mansão
adeus solidão
no tom da parcela!

5.
permanentemente
honrarei o rito
quesito a quesito
manhã, sol-poente
se dente é por dente
ardente é aquela
retina que zela
o perfeito instinto
no áureo recinto
do canto-parcela!

® Rubenio Marcelo

que venha na nudez e no silêncio
das intuições indecifráveis
o acorde ressurgente
que desperta o ritmo
das partículas do íntimo liberto...

e esta liberdade une confidências
de caminhantes
e engenhos de destinos...
esta elevação
restaura o mister
das alvas embarcações
que demarcam pilares azuis e brancos
no verde brilhante dos enleios
renovados...

testemunhar o segredo
das paisagens levitadas
no pomar das inéditas claridades
é velejar o essencial
anunciando
as parábolas erguidas nas asas da manhã
e o prelúdio dos pássaros
que re/pousam na ramagem dos sonhos...

nos mares ou nas avenidas
há o leme
o traçado confidencial
o horizonte nas persianas do tempo
a quase-súplica do desconhecido
as mutações...

repentinas incertezas
não desconstroem
a rota da primazia que alimenta o eterno...
sempre haverá ilhas
no ventre livre do cotidiano
e sempre há o vento nas rosas
e a rosa dos ventos...
– há sempre a viagem
e o rumo
para o mirante das conquistas...

para todo o sempre
há um porto
e um veleiro
uma lira e uma chama
na amplidão inexplorada
de cada navegante.

Entes e mentes

I
plena mente
mente clara
claramente
para a mente
– s e m e n t e . . .

II
entrementes
mente rala
raramente
aclara a mente
– dormente.

1.
mentes plenas
plenamente
patentes...

2.
mentes-geenas
pequenas
veem-se somente
| veementemente |

Nascença

A generosidade a duras penas
não vale a pena: é atitude vã.
Esta virtude só existe apenas
naquele que a pratica em mente sã.

Assim, guardadas proporções e cenas,
acontece também, cada manhã,
quando nascem prelúdios, cantilenas,
versos, vértices, sóis, flautas de pão.

O sol nasce pra todos (isto é vero),
porém, de sol a sol, em tom severo,
a musa do parnaso sentencia:

– Que só tem poesia aquele ser
que já nasceu com ela pra viver
num renascer dourado a cada dia!

® **Rubenio Marcelo**

Fecundidade

dos seios nus
da
Poesia
gotejam
os mistérios
que alimentam
a
eternidade...

® **Rubenio Marcelo**

Caravelas

E descubro nestas caravelas
as paisagens levitadas em sintonia
com os pássaros e estrelas...
naturalmente translúcidas

não precisam de carta das marés
talvez das auras que arejam o espírito
e edificam passadiços para
a estesia do ser... ...
de repente
milhares de milhas são vencidas
sem as incursões de corsários
e sem os rangidos
das noturnas lendas dos mares

nos ares
os ecos azuis dos vilancetes
desancorados das amuradas
e refletidos nos rochedos flamejantes
convocam os ventos
para turnos extras de renovos
e para embalar a solidão
das sonâmbulas nuvens
cravejadas de elegias...

e vejo sobre o convés principal
destas caravelas
vistosos cavaletes
 com telas tridimensionais
 e nelas
prismas e pincéis de sóis
a delinear símbolos lúdicos
e a recriar elos de primazias intermináveis...

há códigos discretos
nas velas dianteiras destas caravelas...
inconvencionais mensagens
 [quais champanhas
 com sabor de segredos]
aos legítimos
navegantes da essência.

® **Rubenio Marcelo**

VOO DE POLENS

Que se fecundem corações e mentes
e fortemente pulsem horizontes
em novas fontes grávidas de voos
buscando os ventos ou os flamboyants...

Em tons vibrantes, ritos plasmam céus,

descobrem véus e polinizam flamas:
são anagramas dos meus ideais
e os madrigais que flertam minha voz...

De fora em foz, os meus diversos portos
vislumbram hortos, saem das vindimas
em férteis ímãs de sublimações...

Que as florações insones sejam cantos
e que estes tantos versos resolutos
concebam frutos doces como o sonho!

® **Rubenio Marcelo**

Parceria

O chão pode ser céu no canto alado
que tece o infinito em parceria...
A ave voa e pousa... e, neste estado,
um par sem outro par o que seria?

Asas e pernas traçam sempre um fado
moldando a cor da noite e o sol do dia...
Assim, talvez em tom predestinado,
o passaredo brinca em sintonia...

E cai a tarde... e novamente a noite
vem pra velar do vento o seu açoite:
da paz deixando eventos à mercê...

O mágico pulsar de um cata-vento
o que seria se faltasse o vento?
E a brisa sem o mar seria o quê!?

® **Rubenio Marcelo**

SORRIR...

Quero sorrir, contigo, dos momentos
que flertam nossos olhos inda acesos;

sorrir da dor que vem em passos lentos
e nos faz ser assim tão indefesos...

Quero, na floração dos meus intentos,
sorrir, contigo, cânticos coesos...
Quero sorrir da tez dos desalentos
e contigo mirar sonhos ilesos...

Quero, contigo, ser um só sorriso,
pra sentir da leveza o tom preciso
e, sorrindo, entender sinais quaisquer.

Na tenda dos misteres que eu persigo
e nos sóis do amanhã, quero contigo
sorrir também do pranto que vier...

® **Rubenio Marcelo**
